

Olha o passarinho...

EM MOMENTO RARO, ONÇA-PINTADA É CLICADA PELAS CÂMERAS NO CERRADO GOIANO

Raramente visualizada nas florestas brasileiras dado o declínio populacional de sua espécie, uma onça-pintada (*Panthera onca*) foi fotografada na Reserva Natural Serra do Tombador, no cerrado goiano, com uma câmera *trap* — instrumento com sensor de movimento ou de radiação infravermelha usado para capturar imagens de animais na natureza com o mínimo de interferência humana possível. A presença da onça indica que o ambiente em que vive e circula está equilibrado.

Terceiro maior felino do mundo, as onças-pintadas pesam de 56 a 92 kg, mas há registros de animais com 158 kg. Com hábitos noturnos, elas têm uma dieta variada — preferem veados, capivaras, antas, porcos-do-mato e tamanduás — e ocupam territórios de cerca de 50 km².

“Para conseguir sobreviver e ter sucesso na reprodução, a espécie precisa de que o ecossistema esteja preservado, uma vez que ela é predadora e está no topo da cadeia alimentar”, esclarece a bióloga Marion Leticia Bartolamei, coordenadora de áreas protegidas da Fundação Grupo Boticário de Proteção à Natureza, que administra a unidade de conservação onde a onça foi fotografada. Segundo Bartolamei, a visualização reforça a importância da criação e manutenção adequada das unidades de conservação.

Com hábitos noturnos, a onça-pintada foi fotografada com uma câmera *trap*



Rápido e preciso

TESTE GENÉTICO DETECTA EM HORAS PRESENÇA DE ZIKA, DENGUE E CHIKUNGUNYA EM AMOSTRAS DE SALIVA, SANGUE E URINA

Cientistas das universidades estaduais de Campinas (Unicamp), Paulista (Unesp) e de São Paulo (USP), do Instituto Butantan e da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto (SP) adaptaram um teste molecular rápido e preciso, capaz de identificar, em até cinco ou seis horas, a presença de material genético dos vírus da zika, dengue e chikungunya em amostras de saliva, sangue e urina de pessoas doentes. Diferentemente dos exames sorológicos, que

detectam a reação imune do paciente aos vírus, mesmo quando já cessou a infecção, o teste genético constata a presença dos vírus no organismo enquanto a pessoa apresenta sintomas da doença.

A médica e microbióloga Clarice Arns, do Instituto de Biologia da Unicamp, afirma que qualquer uma das instituições envolvidas tem capacidade para expandir a realização dos testes para a rede pública desde que mais verbas sejam alocadas.



Reprodução em microscópio do início do efeito do vírus da zika na célula do mosquito *Aedes albopictus*

“Na Unicamp, há pelo menos cinco laboratórios aptos para isso, mas não é um procedimento barato”, adverte.

A pesquisadora destaca os benefícios do novo exame: “O resultado sai no mesmo dia; uma grávida doente, por exemplo, pode saber em horas se está ou não com zika”.

FOTO ANTONIO SCARINETTI / ASCOM / UNICAMP

Pobre, mas com muito brilho

ESTRELA COM POUCOS METAIS É A MAIS BRILHANTE EM SUA CATEGORIA CONHECIDA ATÉ AGORA



A estrela de poderoso brilho pode ser observada no centro da imagem, indicada pelo retângulo

Uma equipe de pesquisadores brasileiros e americanos liderada pelo astrônomo Jorge Meléndez, da Universidade de São Paulo, identificou uma estrela muito primitiva, que teria se formado quando o universo era muito jovem, contendo poucos metais e, paradoxalmente, um brilho intenso. O registro foi feito no Observatório Europeu do Sul (ESO) em Cerro Paranal, no Chile, usando o espectrógrafo Uves no telescópio VLT (do inglês, Very Large Telescope), de 8 metros. Os astrônomos buscam esse tipo de estrela, pobre em metais, para tentar entender as primeiras fases da Via Láctea.

Segundo os pesquisadores, a estrela 2MASS J18082002–5104378, como foi batizada, foi classificada como ultrapobre em metais (UMP) — aquelas estrelas cujo conteúdo tem 1/10.000 vezes menos metais do que os metais presentes no Sol — e é a mais brilhante UMP conhecida até agora. “Seu brilho, de 11,9 magnitudes, pode ser captado até por telescópios pequenos — a partir de 10 cm”, explica Melendez.

O estudo da estrela ainda pode ser mais aprofundado com o espectrógrafo para determinar seus principais componentes químicos e assim compreender melhor a evolução de nossa galáxia. O artigo que descreve o achado foi publicado na *Astronomy & Astrophysics* de janeiro.

ESO/BELTSKY/ODSI + DSS2 + 2MASS

Menos dinheiro, menos saúde

COM POUCOS RECURSOS, CONSUMIDOR ACABA ESCOLHENDO ALIMENTAÇÃO HIPERCALÓRICA

O bolso do consumidor pode ser o responsável pela escolha de uma dieta pouco saudável. Estudo feito por pesquisadores das universidades federais Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e do Estado do Rio de Janeiro (UniRio) com 60 pessoas mostra que, quando falta dinheiro, a maioria prefere alimentos com alto valor calórico, como hambúrgueres, biscoitos recheados, salgados gordurosos e produtos industrializados ricos em sal e açúcar.

Segundo o administrador de empresas Breno de Paula Andrade Cruz, professor da UFRRJ, que liderou a pesquisa

junto com o estatístico Steven Dutt Ross, da UniRio, entre os homens, esse comportamento é mais acirrado: eles optam por alimentos mais calóricos do que as mulheres. Entretanto, o levantamento não apontou uma relação entre o índice de massa corporal (IMC) e o consumo hipercalórico. “Quando há uma restrição orçamentária, magros ou obesos têm a mesma conduta: escolhem alimentos com muitas calorias”, diz Cruz. “O histórico individual de consumo, portanto, não tem influência significativa em situações de poucos recursos.”

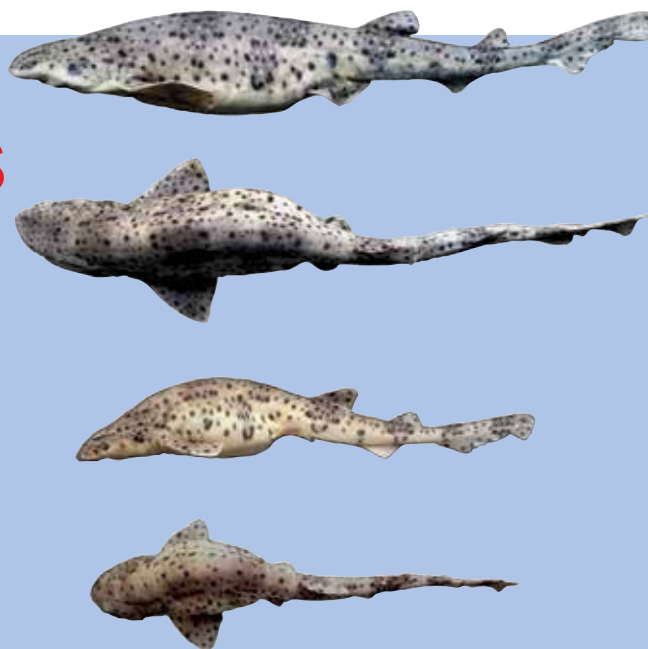
Os pesquisadores defendem a necessidade de implantar políticas públicas destinadas à orientação nutricional, sobretudo das crianças, que ajudem a população a dar preferência a alimentos mais saudáveis, mesmo quando faltam recursos. Além disso, Cruz acredita que seria interessante pensar em sobretaxar produtos industrializados muito baratos — por vezes feitos com restos de alimentos, como salsichas e empanados de frango — para desestimular sua compra e, ao mesmo tempo, estimular a oferta de frutas, legumes e verduras a preços mais acessíveis.

Novo cação-gato nas águas de Cabo Frio

ESPÉCIE DE TUBARÃO COM CARACTERÍSTICAS PARTICULARES DO CRÂNIO É IDENTIFICADA NO PAÍS

Ao rever a literatura científica e examinar a morfologia interna e externa de diversos espécimes colhidos nas águas do oceano Atlântico do Sudeste e Sul do país, pesquisadores das universidades de São Paulo (USP) e do Estado do Rio de Janeiro (Uerj) identificaram uma nova espécie de tubarão. Batizada de *Scyliorhinus cabofriensis* sp. nov., a espécie vive em áreas costeiras, a uma profundidade de cerca de 500 metros, e se alimenta, principalmente, de crustáceos, moluscos e pequenos peixes. O estudo foi publicado na revista *Zootaxa* de 19 de janeiro.

A identificação de novas espécies de tubarão — existem aproximadamente 90 descritas — é rara no país, uma vez que são muito semelhantes em forma e aparência. “Entretanto, grande esforço vem sendo feito por pesquisadores de diferentes instituições, o que tem permitido aprimorar a descrição e classificação”, afirma o biólogo Ulisses Gomes, da Uerj. “No ano passado, junto com Karla Soares e Otto Gadig, da USP, identificamos a espécie *Scyliorhinus ugoi*, que apelidamos de cação-gato negrinho, por sua coloração escura”, conta Gomes. “Já esta nova espécie, com



padrão distinto de cores e características particulares do crânio e dos cláspes (órgãos que auxiliam a cópula), poderia ser chamada popularmente de cação-gato cabo-friense, pois foi encontrada na região de Cabo Frio (RJ).”

Tubarões do gênero *Scyliorhinus* costumam ser pequenos; os adultos têm aproximadamente 70 cm de comprimento, podendo alcançar no máximo 1,60 m. Segundo o biólogo da Uerj, há pelo menos três espécies de cação-gato no Brasil. “Infelizmente, muitas das espécies recém-descritas correm perigo de extinção. Identificá-las de forma correta e tomar medidas para preservá-las pode ajudar a amenizar os efeitos da sobrepesca”, diz.